



EM BUSCA DO EXPLORADOR JOÃO FRANKLIN

O EXPLORADOR JOÃO FRANKLIN

John Franklin, nascido em 1786, é de certo o nome mais popular dos fastos marítimos da Inglaterra. Essa popularidade provém não sómente das audazes expedições polares que empreendeu, como também de ter sido victima da sua temeridade, ficando preso nos gelos, sem poder voltar á patria, e morrendo alli, e mais os seus infelizes companheiros, de fome e de frio!

Foi em 1818 a primeira expedição de Franklin ao polo norte. Prepararam-se convenientemente dois navios, chamados *Trent* e *Dorothéa*, sendo um commandado por elle e outro por Buchan, que era o chefe da expedição.

Foi cheia de terríveis episodios esta viagem, bem que se conseguisse fazer mais do que tinham feito os precedentes navegadores.

Tendo voltado á Inglaterra, logo no anno seguinte Franklin foi escolhido para coadjuvar o capitão Parry n'uma nova expedição, que durou tres annos.

Seria assumpto para muitos e longos artigos o descrever minuciosamente o que Franklin e os seus companheiros passaram nas regiões do gelo, andando a pé 2:000 leguas! A fome perseguiu-os cruelmente, porque os mantimentos chegaram a acabar-se de todo, vindo-se obrigados a comer o musgo dos rochedos, e a roer alguma ossada de gamo, cuja carne os lobos tinham de certo devorado ha muito. Um dia — dia feliz! — conseguiram apanhar e matar um boi-almiscarado. Comeram-no todo, cru, não escapando nem os intestinos!

Finalmente, depois de inauditos soffrimentos, Franklin pôde voltar á Inglaterra.

Cuidam os meus leitoresinhos que o valente navegador ficou curado da sua anciedade de descobertas? Enganam-se. D'alli a tres annos, 1825, elleahi parte outra vez para as regiões polares. Durou perto de tres annos a arriscada expedição, passando Franklin dois invernos para além do circulo polar, vendo em roda de si congelar-se o alcool e o mercurio dos thermometros!

Só no outono de 1827 regressou a Inglaterra, e logo a sociedade geographica de França lhe concedeu a grande medalha de ouro, distincção que não ha muito também alcançou o nosso valente explorador Serpa Pinto.

Apesar de todas as recompensas recebidas do seu governo, que lhe permittiam viver feliz e honrado na patria, Franklin quiz ainda voltar aos gelos do norte. Partiu a 26 de maio de 1845, para não mais voltar. Levava ás suas ordens dois solidos navios, o *Erebo* e o *Terror*, com 168 praças de guarnição e viveres para quatro annos.

A 12 de julho lançou ferro em frente da ilha groenlandeza de Disco. Poucas semanas depois eram vistos o *Erebo* e o *Terror*, por alguns baleeiros, na bahia de Baffin... depois, mais nenhuma noticia! O fim do arrojado nauta é um mysterio!

Em 1847 começaram as diligencias do governo

inglez e dos amigos de Franklin, para saber do seu destino. No espaço de oito annos foram organisadas dezenove expedições, com as quaes se dispenderam alguns milhares de contos de réis. O governo de Inglaterra tinha promettido uma recompensa de quarenta e cinco contos de réis a quem dêsse noticia do infeliz Franklin e dos seus companheiros.

Ainda muitos annos depois a inconsolavel viuva de Franklin, vendo que o governo desistia de mais pesquisas, na verdade inuteis, tratou de enviar á sua custa uma nova expedição ao polo norte, na esperanza de se colherem noticias do desventurado nauta. Foi tudo baldado. Apenas em 1854 chegou á Europa a noticia de que uns quarenta homens brancos haviam morrido de fome nos gelos do norte. Seria algum d'elles o capitão Franklin?

A gravura que apresentamos e que serviu de base a este resumido artigo, representa um grupo dos ousados e benemeritos marinheiros que, affrontando os rigores do gelo e tantos outros perigos, se internaram por aquellas desoladas regiões, esperançados em encontrarem, vivo ou morto, o desditoso Franklin, e os seus fieis companheiros.

Os valentes cães fazem o serviço de cavallos, arrastando pelo gelo uns carros sem rodas, chamados *trenós*.

Franklin foi um verdadeiro martyr da sciencia geographica.

O CARVÃO

(Continuação)

«A historia do carvão! interrompi eu, admirado. Então o carvão tambem tem uma historia?»

O bom velho riu-se e pondo-me a mão no hombro: «Tem, sim, disse elle. E uma historia mil vezes mais cheia de cousas maravilhosas e extraordinarias do que a propria historia da carochinha e outras que tem sido inventadas pelo povo ignorante. Sabes que o chamado carvão de pedra se tira de minas excavadas por debaixo do chão. Pois bem, esse carvão a que chamam de pedra, e incluem hoje na lista dos mineraes, esse carvão já esteve vivo, já respirou, alimentando-se do ar e da terra, já teve cores brilhantes, figuras lindissimas.»

Eu escutava-o com curiosidade; de quando em quando olhava para os pedaços de carvão que estavam sobre a mesa, deante d'elle. Não pude conter o meu espanto; não via n'aquelles pedaços de pedra negra semelhança alguma com tudo o que eu conhecia ou tinha visto com vida.

«Admiras-te? Pois ouve bem. Antes de estar enterrado nas profundezas de onde o homem, com trabalhos e perigos sem conto, o vai tirar para se servir d'elle, o carvão teve a vida de vegetal. Antes de ser mina era floresta. N'esses tempos antiquissimos, em que ainda não havia homens, havia tambem outros continentes, outros mares, outras plantas e outros animaes. Tudo era differente do que hoje é. A terra tinha ainda

muito maior calor, e por isso a vegetação se apresentava com um desenvolvimento extraordinário. Só podemos fazer uma idéa d'ella pelas grandes florestas virgens da America actual nas regiões mais quentes, chamadas *tropicæes*. Toda a terra tinha n'aquelle tempo um clima igual, humido e quente. São exactamente essas as condições em que os vegetaes melhor crescem e se desenvolvem.

«As pequeninas plantas chamadas *lycopodios*, que hoje se cultivam em vasos, eram então arvores enormissimas, e com ellas as coníferas e as palmeiras, as cycadeas e os fetos formavam florestas collossaes. Tempos depois a temperatura foi esfriando e as florestas morrendo. Houve então grandes cataclysmos. Abriram-se vulcões, tremeu a terra; cahiram montanhas sobre as planícies; o que era terra firme passou a ser fundo dos oceanos. N'estas grandes mutações da superficie da terra, ficaram soterradas muitas d'aquellas florestas primitivas e ahí, debaixo de grandes camadas de terra, as plantas decompozeram-se e *carbonizaram*. Sempre ficaram porém vestígios do passado. E muito trivial encontrar nas camadas de carvão das minas os desenhos e fórmãs de troncos, folhas, etc., que nos

revelam bem claramente a sua origem vegetal. D'estes factos antiquissimos da historia da terra, resultou a enorme massa de carvões de que hoje se alimenta a industria.

«O mais antigo d'elles é muito secco, porque perdeu todos os oleos vegetaes; é a *graphite*, aquella substancia cinzenta com que se fazem os lapis. O mais vulgar é o carvão de pedra ordinario, que contém betume e muitos oleos que lhe dão o aspecto gorduroso que todos lhe conhecemos. Mas, ainda hoje se estão transformando plantas em carvão. É principalmente nas bordas dos lagos e regiões de pantanos que as plantas que morrem se vão accumulando e depositando em camadas, que depois ficam cobertas de terra, e lentamente *carbonizam*.

«D'essas modernas formações de carvão, a que se dá o nome de *linhites*, tens um exemplo no azeviche, aquella massa preta de que se fazem pulseiras, brincos, pentes, etc. Ora aqui tens a historia do carvão de pedra. Como elle se apresenta e se extrai has de tu proprio ver quando fórmos a S. Pedro da Cova, visitar a mina.»

(Continúa)

VICTOR RIBEIRO.

O GATO E O PARDAL

O nosso querido Roberto
'stava 'studando á janella;
Quando ouviu de muito perto
Bem sinistra rosnadella.

Olhou então p'ra o quintal,
E viu o *Carocho* atroz
Namoricando um pardal,
De quem esperava ser o algoz.

Estendia-se o bichano
P'ra melhor saltar na presa,
Mas o pardal, leviano,
Não evitava a surpresa.

Roberto, coração nobre,
Desaprova tal acção,
E pensa a ver se descobre
Como evitar a traição.

Vem uma idéa assaltal-o...
Do gato visa ao focinho...
— Perca-se o livro, deixal-o!...
Mas salve-se o passarinho!...



POBRE ZAIDI!

Ha horas bem tristes e afflictivas! O pobre Zaidi descia o rio na sua canôa, com mais dois companheiros, quando de repente se lhes deparou uma imponente cataracta, ou queda d'agua. Os companheiros, assustados e conhecendo o perigo, lançaram-se á agua, e com muito custo conseguiram chegar a nado á margem do rio. Zaidi, menos expedito ou mais temerario, deixou-se ficar dentro da canôa. Foi grande a sua imprudencia. O fragil barquinho, impellido pela violencia da corrente, foi bater de encontro a um rochedo e despedaçou-se. Por um feliz acaso,

feita em pedaços n'um instante. Tentamos então enviar-lhe alguns bocados de madeira; mas a agitação das vagas não permittia que chegassem ao desgraçado, o qual, pela sua parte, não ousava estender a mão para as agarrar.

«Desesperado, pedi outra canôa. Amarrrou-se-lhe um cabo á prôa, outro á pópa, e ainda outro á borda. Cada um d'elles media noventa jardas de comprimento. A prôa havia um segundo cabo mais pequeno, que devia ser atirado a Zaidi pelo homem que tripulasse a canôa.

«Mas quem havia de tripulal-a? Pedi dois voluntarios. Ninguem se apresentou. Offereci uma recompensa; nem assim!



«Puchem!» gritei eu aos meus homens.

parte da canôa ficou presa á rocha, debaixo d'agua; a outra parte ficou á vista, e foi a ella que Zaidi se agarrou com toda a força do desespero. Era bem angustiosa a sua situação! Tinha d'um lado uma cataracta de muitos metros de largura, do outro, ondas furiosas; atraz d'elle, uma cascata de seis a oito pés de altura!

Stanley, o intrepido viajante africano, conta do seguinte modo esta aventura:

«Depois de alguns momentos de reflexão, encontrei o modo como havia de salvar aquelle desgraçado. De fibras de arvores fizemos um cabo, preso ao qual desceu o rio, em direcção á cataracta, uma canôa pequena; mas quando se aproximava do naufrago, o cabo quebrou-se, e a canôa, arrastada pela corrente, foi absorvida e

«Então exclamei: Aquelle homem morre abandonado, á vista dos seus amigos, sem que ninguem...

— «Basta, senhor, interrompeu Uledi, caminhando para mim. — Vou eu!

— «Pois se Uledi vae, eu tambem vou! — acudiu Marzouk, o mais novo dos remadores.

«Uledi e Marzouk entraram na canôa, animados pelos nossos applausos. Voltei-me então para os homens que seguravam os cabos, e recommendei-lhes a maior attenção, porque d'elles dependia a vida de tres homens.

«Disse aos dois voluntarios que remassem atravez da corrente afim de que a pópa do barco pudesse ser dirigida pelos que estavam na margem. Largaram-se os cabos da prôa e da borda, de modo que a canôa chegasse até á distancia

de vinte jardas da cataracta. Uledi tentou então atirar a corda a Zaidi, mas a agitação das ondas fez desviar a canôa, e a corrente arrastou-a até proximo da cataracta, d'onde a tiramos puxando para nós os cabos. Novas tentativas, até que, finalmente, Uledi ponde atirar a corda ao pobre naufrago. Este mal teve tempo de a agarrar e desapareceu no redomoinho. Julgamo-lo perdido!

«Trinta segundos depois, a cabeça de Zaidi apparecia ao de cima do abysmo. «Puxem!» gritei eu aos meus homens. Mas, com o esforço, os cabos da prôa e da borda partiram, e a canôa

começou a voltar-se para a esquerda! Depois tambem se partiu o cabo da pôpa! Ficamos horrorisados, olhando para a canôa, que de certo ia ser despedaçada, juntamente com os tripulantes. Felizmente, o corpo de Zaidi, suspenso pelo cabo, fazia o effeito de ancoretta de espiar, lançando d'este modo a canôa em direcção ao ilhote rochoso, onde chegou. Uledi e Marzouk saltaram do barco, e segurando-se na rocha, ajudaram Zaidi a subir.

«De todos os peitos sahiram fervorosos gritos de alegria!»



VERSOS AO JULIO

CAÇADA INFELIZ

Andam ha mais de que tempo
Gervasio, Amelia e Gustavo
No improficuo passatempo
De apanhar um pombo bravo!

Ora o Gustavo o persegue,
Ora a Amelia, ora o Gervasio,
Mas nenhum d'elles consegue
Deitar ao pombo o gatasio.

O Tejo, dando-se entonos
De tótó vaidoso e ancho,
Corre tambem co'os seus donos
No mais alegre farrancho.

O Gustavo na corrida
Escorrega e dá um tombo;
E ligeiro, de fugida,
Lá se vae embora o pombo!

Segue Amelia mais travessa,
Falta-lhe um pé, tambem cahe;
Faz um gallo na cabeça
E o pombinho lá se vae...

No mesmo intuito ferrenho
Prosegue Gervasio agora:
Isso sim! baldado empenho...
Lá se vae o pombo embora...

Finalmente corre o Tejo;
Cahe tambem, ferra um carolo,
Mas não logra o seu desejo
Que o pombinho não é tolo...

Ora o pombo se ergue esperto,
Ora vem pairar no chão;
Lá conseguem vel-o ao perto,
Mas tocar-lhe isso é que não...

E assim passam todo o dia,
Em quanto o pombo se safá,
N'uma eterna correria,
Qual mais pula e mais se estafá!

Quando o sol deitava em braza
Os derradeiros clarões,
Regressava o pombo a casa
Pensando co'os seus botões:

— Que o pombo é como a ventura,
Aquelles fiz saber hoje:
Se a gente mais a procura
Mais a perversa nos foge...

.....
Talvez que ao pombo, coitado,
Inda alguém saber lhe faça
Que diz um sabio ditado:
Quem porfia mata caça...

D. MARIA DO Ó. 1910

DE LISBOA A PARIS

IV

Os sinos estão bem longe de terem a harmonia e o tanger agradável dos sinos portuguezes. Quando soam, parece sempre estarem dobrando a finados. Em *Luchon* os sacerdotes, como em *Lourdes*, e creio que em toda a França, andam sempre de habitos talares e com chapéus mais pequenos do que os dos padres hespanhoes. Não usam capa, mas cinto de borlas. Também em *Luchon* são em grande numero. Por toda a parte os encontrava, mas sempre os vi tratar com respeito e amisade, como é proprio de uma terra, que cada anno recebe em seu seio tanta gente de aprimorada civilisação e que por isso sabe avaliar as grandezas da verdadeira liberdade e da consciencia humana, assim como os esplendores da natureza, que todos se apressam a admirar nas grandiosas e diversas manifestações que ella apresenta n'estes valles amenos, altas e pittorescas montanhas.

Tambem nos não podémos furtar a esta irresistivel attracção. Também fizemos as nossas excursões ao *Vallée de Lis* e ao *Lac d'Oo*.

O valle de *Luchon* estende-se de norte a sul, e as casas e *chalets*, n'uma grande distancia, vão até ao fim d'esse valle. Aqui se eleva em alto pedestal uma imagem da Virgem, que domina e como que abençoa a feliz povoação.

Passa-se pelo velho castello de *Luchon*, da mais simples construcção, talvez do tempo dos Gaultezes. Os montes vão-se apertando, de modo que no fundo só ha o leito do caudaloso *Pigue*.

O caminho vae subindo pelo dorso das montanhas até um sitio do aspecto mais selvagem, tão abruptos são os montes, tão corculento o arvoredo e enormes os rochedos, como a quererem oppôr-se á corrente do rio, que, demasiado apertado e inclinado, se precipita com fragor horrisono n'um sorvedouro medonho, a cuja vista ninguém pôde deixar de se sentir apavorado. É o afamado *gouffre d'enfer*.

O grandioso tem sempre sua attracção e essa attracção já deu a morte a um homem distincto.

A beira do abysmo está um pequeno monumento de marmore, cuja inscripção diz assim:

A LA MEMOIRE
DE
ALEXANDRE ACHILLE DUVAL
DOCTEUR EN DROIT
AVOCAT A LA COUR D'APPEL DE PARIS

DECEDÉ ICI LE 14 AOUT DE 1876

SOUVENIR DE SA FAMILLE

O infeliz collocou-se demasiadamente á borda da voragem e a vertigem precipitou-o. A salvação era impossivel, porque a corrente, com força

prodigiosa, arrasta contra os rochedos e despeña no infernal redomoinho.

O caminho continua sua ascensão até, após duas horas de jornada de carruagem, se entrar no valle de *Lys*, sitio que nenhum forasteiro deixa de visitar, como uma das maiores curiosidades dos arredores de *Luchon*. Termina este valle no sopé dos mais altos *Pyreneus*, de cujas geleiras eternas se derivam, de prodigiosa altura, as duas formosas cascatas *du Coeur* e *d'Enfer*.

É esta a maior e a mais bella. Despedida dos mais altos pincaros, tendo, com o passar dos seculos, aberto caminho no corpo da montanha mais inferior, precipita-se de repente da altura de sete andares em vasto lençol d'agua espumosa e brilhante. Cahe estrepitosa e horrisona no abysmo que abriu nas rochas e segue formando o *Pigue*.

A beira do abysmo, para entre impressões pavorosas se encontrar uma impressão suave e consoladora, levantaram mãos piedosas um simples oratorio que encerra uma marmorea imagem da Nossa Senhora de *Lys*, que a fé viva dos camponezes e visitantes sempre tem cercada de luzes e de flôres.

Este sitio é tão visitado que encontrámos lá não menos de vinte carruagens.

O lago d'*Oo* não é menos celebrado, mas o caminho é mais longo e difficil e até perigoso, porque as montanhas ainda são mais apuradas, de fórma que a estrada vae sempre colleando sobre si mesma e depois de uma certa distancia torna-se tão estreita e tanto á beira de abysmos, que se não pôde ninguém furtar a um certo receio.

Após de mais de duas horas de jornada, entra-se n'um valle, por onde se desliza já abundante o famoso *Garonna* e todo tapetado de opulenta relva e lindas flôres, entre as quaes citarei a violeta branca, a não ser na côr alvissima, semelhante á violeta *commun* na fórma e na fragrança.

Aqui encontrámos a ermidinha mais pobre que temos visto, mas adornada de flôres.

No fim d'esse valle começam as veredas, pelas quaes, a cavallo, se chega ao lago do d'*Oo* após tres quartos de hora. Era tarde e seria imprudente deixar para de noite a volta por caminhos tão perigosos. Voltámos logo e de novo viemos gosando a vista de aldeias pobres, rudes, na maior parte cobertas de colmo, e comtudo com seu aspecto pittoresco. Taes são *Casaux*, *Castillon*, *Saint-Avatin*, todas alindadas com suas igrejas e altas torres. Não esqueceremos o seguinte episodio.

No caminho mais solitario, menos pittoresco, entalado entre as montanhas as mais aridas, á sombra de esguias arvores, encontrámos, sentados e lendo, um homem e uma senhora, tão

attentos á leitura, que elle nem sequer ergueu os olhos para estes forasteiros, que iam quebrar um pouco a monotonia d'aquellas solidões.

A tardinha estavamos perto de Luchon, em sitio d'onde ella apresenta o mais formoso panorama, ainda superior ao que se observa da *Chaumière*, ponto muito concorrido e que fica em grande altura, quasi sobranceiro ao estabelecimento thermal.

Citaremos outros dois sitios encantadores e mui proximos de Luchon. A *chute de la pique* é sitio de grande amenidade e formosura, a que vão dar duas ruas, orladas de bazares de toda a especie, e até de quadros, de *faianças* de alto valor, e de obras primorosas de metal e ferro fundido, de tudo que a adiantissima industria franceza produz.

N'esse sitio o rio *Pique*, na sua maior largura, é dirigido de modo que se precipita em vasta e espumante queda, continuando ruidoso contra a penedia que lhe cobre o leito. Este ruido, a formosura da paizagem, abundante de arvoredo e *chalets*, e a circumstancia de d'alli partirem umbrosas e compridas alamedas, tornam este sitio mui querido e frequentado. Uma d'essas alamedas vae até a uma ponte, á entrada da qual se ergue uma marmorea e alta cruz, de lavôr mui delicado.

Tomando á direita segue o caminho que d'ahi a pouco leva a *Montauban*, pequena, mas bonita povoação, erguida no sopé do monte do mesmo nome e aformoseada por uma igreja mui bella, externa e internamente. É modernissima e de puro estylo gothico. Tambem tem sua crypta, onde está sepultado o parochio, que, á custa de muito zelo, conseguiu erguer este verdadeiro monumento de piedade e de bom gosto. A entrada do templo leem-se lettreiros extrahidos da biblia e relativos ao respeito do templo, á importancia da oração e á protecção do Senhor aos que vivem vida de util labor e sincera virtude.

Cauban não tem os palacios, os jardins e abundantes arvoredos de Luchon, porém, o ar é mais livre, o horizonte mais vasto, e mais largo e desassombrado o valle amenissimo, mui parecido com as campinas formosas do meu Portugal.

D'esta aldeia tão socegada e tão risonha disse o que Lamartine dizia do paiz dos Maronitas: se não fôra a attracção com que nos chama a terra da patria, aqui quizera viver o resto da vida e morrer.

Não podia prolongar-se mais a nossa permanencia n'este paraizo terreal, porque estava satisfeita a prescripção medica sobre o nosso uso das excellentes aguas de *Bagnères de Luchon*.

Attrahiam-nos, após estas maravilhas da natureza, as maravilhas da civilisação de Paris. Para aqui partimos ás 6 horas e tres quartos da manhã do dia 13 de setembro.

Era uma manhã deliciosa de um dos mais lindos dias de setembro. Respirava-se com prazer o ar puro dos campos, por onde se ia deslizando um rio caudaloso que por mui tempo fômos costeando até sahir d'entre as montanhas. Iamos atravessando e avistando a cada momento po-

voações ridentes, arvoredos frondosos, vendo-se já castanheiros, de que nem um só vira entre as mattas de Luchon e de *Lourdes*, e muitas vinhas, tratadas com esmero e cuja ramaria é *emparada* a alguma distancia do chão, á semelhança do que se pratica na nossa *Beira-baixa*.

Panoramas encantadores se succediam uns aos outros e ás vezes o horizonte se dilatava, para dar lugar a perspectivas não menos bellas, porém mais grandiosas. Assim, ás 8 horas e 3 quartos chegámos a *Montrejean*, bonita povoação, regada pelo *Garonna*, e ás 11 horas estavamos em *Tarbes*, já nossa conhecida. Aqui entrou na nossa carruagem o rev. conego Luiz *Fouç*, cura Deão de Vic, grande povoação do bispado de *Tarbes*, d'onde elle vinha de estar com o virtuoso prelado e se dirigia para a sua parochia. É sacerdote respeitavel, de fino e ameno trato, de variada instrucção, e além d'isso apreciavel escultor e compositor de musica. Fizemos conhecimento e apertámos as mãos em signal de fraternidade do nosso cargo. Sempre o recordarei com affecto e saudade.

Após algum tempo começaram as *Landes*, vastissimos pinhaes, mandados plantar por Napoleão III, que assim converteu em riqueza nacional e em região saudavel grandes planicies paludosas e insalubres. Comtudo estas tres horas que o comboio, a grande velocidade, leva a atravessar as *Landes*, são as de maior monotonia de toda a jornada feita das fronteiras de Hespanha a Paris.

Chegámos ás 5 horas e meia a *Bordeaux*, grande cidade maritima na embocadura do *Gironde*, de grande trafego maritimo e de enorme commercio de vinhos, e por isso de muitas relações com Portugal, d'onde importa muito d'esse genero, principalmente dos concelhos de Torres e Alemquer. Não nos demorámos n'esta cidade, o que não deixaríamos de fazer, se ainda fosse vivo o respeitavel cardeal arcebispo *Donnet*, tão querido e popular no seu arcebispado, e por sua morte tão geralmente chorado e ainda mais pelo clero, de que era modelo e inquebrantavel defensor, como o era da doutrina, de que o bom e amavel prelado foi verdadeira personalisação e elogio. Devia-lhe uma visita para agradecer a prova de *consideração* que se dignara enviar-me e que com muito amor conservo. Depois de 20 minutos de demora partimos para Paris.

(Continúa)

SILVA FIGUEIRA.



ALEGRIAS

Fallava-se a respeito d'um certo medico, como sendo uma notabilidade.

— Não duvido, mas eu nunca o mandarei chamar — disse alguém.

— Porquê?

— Porque tem por costume nunca receber dinheiro dos doentes. Não me serve.

— Ora essa! é uma prova de desinteresse.

— Perdão, recebe dinheiro, mas é sempre dos herdeiros do doente.

Um general mandou chamar á sua presença um soldado e disse-lhe:

— Prêga esta cruz na tua farda.

O soldado fica muito admirado.

— Mereceste esta honra pela coragem de que deste provas, conservando-te toda a noite no teu posto, cercado por uma companhia inimiga!

— O meu Deus! — exclama o soldado, desmaiando — e eu que pensei que eram os meus camaradas!

— Fazes mal em fumar, meu rapaz — diz o sargento aproximando-se d'um galucho.

— Isto não faz mal, meu sargento.

— Estás enganado. Fica sabendo que encurta a vida.

— Ora qual! o meu tio está sempre de cachimbo na bocca, e tem já setenta annos.

— Pois se não fumasse podia ter hoje setenta e oito! Acredita no que te digo.

Um estudante de Coimbra, que usava oculos, parou diante d'um caloiro e disse-lhe:

— Vejo um asno na minha frente.

— Então os vidros são de espelho? — voltou-lhe o caloiro.

Estando um official para fazer jornada e tendo de partir muito cedo, chamou o camarada e disse-lhe que fosse ver á janella se já rompia o dia e se estava bom tempo.

O camarada, meio tonto de somno, em vez da janella abriu um armario, e voltou a dizer:

— Meu tenente, a noite está escura como breu, e, de mais a mais, cheira a queijo que tem diabo!

A um rapazinho que no campo andava guardando um rebanho de perús, alguém fez a seguinte pergunta:

— Dize-me cá: se de repente te fizessem principe, se te dêssem muito dinheiro, o que fazias?

O pequeno coçou a cabeça, sorriu-se e respondeu:

— Guardava os meus perús a cavallo, para não cansar as pernas.

Encantadora innocencia

HORAS ENTRETIDAS

163 — ENIGMA

Este meu todo é composto
D'oito letras e mais, não;
Quatro d'ellas consoantes
E as outras vogaes são.

A segunda igual á sexta,
Setima igual á terceira,
Quarta igual á oitava,
Quinta igual á primeira.

Em verdade que este enigma
É mui facil de matar;
É peixe desconhecido
Mas que se encontra no mar.

Lourosa

FLOR DE LOUROSA.

164 — CHARADA

Puz em acção os meus olhos — 1
Pois sou excellente fructo — 2
Ai, coitada! vivo triste,
E arrasto pesado lucto.

ALINA.

165 — PALAVRA EM CRUZ

Scis A A, dois C C, um I,
Dois H H, um T, dois D D
R commum, bem o vés,
E dois S S, como um rubi.

Lisboa

HERMINIA.

166 — CHARADA NOVISSIMA

Na cidade tem o tigre um insecto — 1 — 2
Monchique

CUNHA & C.

167 — PALAVRAS QUADRADAS

O miolo d'uma arvore
E d'um verbo uma pessoa
Póde ser um animal
Com costumes de Lisboa.

Vizeu

DEBÉ.

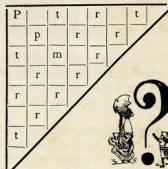
168 — TERCETO POR SYLLABAS

Se dado te fôr sabel-a
A cór d'animal feroz
Deve ter bonita voz.

Vizeu

O PEQUENO ANTONINHO.

169 — TRIANGULO



Preencher com vogaes os espaços em branco para formar um triangulo com oito palavras.

FANTOCHE.

SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS

154. Animalejo — 155. Polypodio — 156. Ferradura — 157.

GAPA
ASIR
FIXA
ARAL

158. Epistola — 159. Arado — 160. Perapão — 161. Em ter leito — 162. Em ter castello.